

AVISO IMPORTANTE: **Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- × Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- × Exercícios comentados para fixação do aprendizado.
- × Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





SEDUC-RS

**SEDUC-RS - SECRETARIA DE ESTADO DA
EDUCAÇÃO - RIO GRANDE DO SUL**

Professor - Linguagens e suas Tecnologias

**EDITAL DE CONCURSO PÚBLICO Nº
01/2025**

**CÓD: OP-021JL-25
7908403576845**

Língua Portuguesa

1. Leitura, compreensão e interpretação de textos de gêneros variados, multimodais e gêneros digitais; Informações literais e inferências; Coesão e coerência: mecanismos linguísticos e semânticos; estruturação do texto e dos parágrafos	9
2. Norma-padrão e variações linguísticas: usos sociais da linguagem	17
3. Gêneros e tipologias textuais.....	19
4. Semântica e pragmática: construção de sentidos, conotação e denotação, polissemia, homonímia e paronímia	26
5. Figura de linguagem em	28
6. Elementos da comunicação e funções da linguagem	32
7. Fonética, fonologia, ortografia e acentuação gráfica conforme o Acordo Ortográfico	35
8. Morfossintaxe: estrutura e formação de palavras, função textual dos vocábulos, classes gramaticais, tempos e modos verbais.....	38
9. Sintaxe do período: coordenação e subordinação, nexos semânticos e sintáticos, equivalência e transformação estrutural ...	46
10. Concordância Nominal e Verbal.....	50
11. Regência Nominal e Verbal	52
12. Crase	53
13. Emprego dos sinais de pontuação e sua função no texto.....	54
14. Colocação pronominal	55

Conhecimentos Pedagógicos

1. A gestão escolar democrática e o trabalho coletivo: o professor como agente transformador	67
2. Projeto educativo: fundamentos e concepções didático-pedagógicas contemporâneas em articulação com o currículo.....	67
3. Metodologia de ensino	68
4. Processos de avaliação	70
5. Educação Inclusiva: princípios, políticas públicas e práticas pedagógicas com foco na equidade.....	71
6. Organização do tempo e do espaço na prática pedagógica: intencionalidade, acessibilidade.....	76
7. Promoção de aprendizagens significativas	78
8. Planejamento pedagógico, mediação docente e avaliação formativa	79
9. Educação Ambiental e Educação para as Relações Étnico-Raciais e de Gênero: fundamentos legais, abordagens críticas e práticas pedagógicas interseccionais no contexto escolar.....	81
10. O Projeto Político-Pedagógico (PPP): fundamentos, elaboração participativa, implementação e avaliação contínua à luz da gestão democrática.....	84
11. Currículo, avaliação e práticas pedagógicas: articulação com a BNCC, o RCGEM e os direitos de aprendizagem.....	87
12. Tendências pedagógicas contemporâneas: fundamentos e práticas das abordagens críticas, interdisciplinares, híbridas e colaborativas na educação básica.....	94
13. Função social da escola pública: garantias legais do direito à educação, papel na redução das desigualdades sociais e na formação cidadã dos sujeitos	96
14. Formação integral e competências socioemocionais: fundamentos, objetivos e implicações pedagógicas	99

Conhecimentos Específicos

Professor - Linguagens e suas Tecnologias

1. O trabalho com competências socioemocionais no ensino: desenvolvimento da empatia, autorregulação, colaboração e pensamento crítico	107
2. Aprendizagem e desenvolvimento integral: formação ética, estética, crítica e cidadã para o século XXI	107
3. Educação colaborativa: integração interdisciplinar, transdisciplinaridade e articulação de saberes na Educação Básica	109
4. Metodologias ativas e inovadoras no ensino de Língua Portuguesa: aprendizagem significativa, protagonismo estudantil, resolução de problemas, gamificação, sala de aula invertida	109
5. Educação empreendedora e projetos integradores: articulação entre mundo do trabalho, cidadania e práticas linguísticas...	110
6. Inovação pedagógica e formação docente: práticas reflexivas, desenvolvimento profissional e uso de tecnologias educacionais	111
7. Práticas didático-pedagógicas baseadas em evidências: mediação intencional	113
8. Avaliação formativa, ensino centrado em competências e habilidades	114
9. Ensino por competências e habilidades: alinhamento com a BNCC e desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais	114
10. Multimodalidade, multiletramentos e letramento digital: leitura e produção de textos em diferentes linguagens, plataformas e suportes	116

Conteúdo Digital

Legislação da Educação

1. Constituição da República Federativa do Brasil –promulgada em 5 de outubro de 1988, Artigos 5º, 37 ao 41, 205 ao 214, 227 ao 229, e suas atualizações	4
2. Lei Federal n.º 8.069, de 13/07/90 - Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e suas atualizações	15
3. Lei Federal n.º 9.394, de 20/12/96 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e suas principais atualizações	55
4. Lei Federal n.º 10.639 de 2003, Lei Federal n.º 11.645/2008 e Resolução CNE/CP n.º1/2004 Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.	74
5. Lei Federal n.º 10.098/2000 – Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.....	75
6. Lei n.º 13.005/ 2014 – Plano Nacional de Educação	79
7. Resolução CNE/CP n.º 2, de 22 de dezembro de 2017 – Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular e Resolução CNE/CP n.º 4/2024 formação docente alinhada à BNCC	94
8. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica – Resolução n.º 4, de 13 de julho de 2010	109
9. Resolução n.º 7, de 14 de dezembro de 2010 – Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos	119
10. Lei n.º 14.191, de 3 de agosto de 2021 – Dispõe sobre a modalidade de Educação Bilíngue de Surdos.....	126
11. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015 – Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)	127
12. Lei n.º 12.764, de 27 de dezembro de 2012 – Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista	145
13. Resolução n.º 04, de 02 de outubro de 2009 – Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica – Modalidade Educação Especial	147
14. Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999 – Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências	148

ÍNDICE

15. Resolução n.º 2, de 15 de junho de 2012 – Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental	152
16. Resolução n.º 363, de 10 de novembro de 2021 – Estabelece as Diretrizes Curriculares Estaduais para a Educação Ambiental no Sistema Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul.....	155
17. Lei n.º 13.597, de 30 de dezembro de 2010 – dá nova redação à Lei n.º 11.370, de 9 de janeiro de 2002, que dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Estadual de Educação Ambiental, cria o Programa Estadual de Educação Ambiental, e complementa a Lei Federal n.º 9.795, de 27 de abril de 1999.	164
18. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2007)	168
19. Lei n.º 14.705, de 25 de junho de 2015 – Institui o Plano Estadual de Educação (PEE) do Rio Grande do Sul em cumprimento ao Plano Nacional de Educação	169
20. Parecer n.º 126/2016 – Diretrizes Operacionais para a Educação em Direitos Humanos no Sistema Estadual de Ensino.....	198
21. Cadernos Pedagógicos: Direitos Humanos em Educação – Série PDE/Programa Mais Educação (2013)	201
22. Resolução n.º 1, de 17 de junho de 2004 – Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.....	203
23. Parecer CNE/CP n.º 16, de 05 de junho de 2012 – Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola	203
24. Parecer CEED/RS n.º 323/1999 – Institui as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e do Ensino Médio para o Sistema Estadual de Ensino	245
25. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002 – Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	254
26. Lei n.º 14.113, de 25 de dezembro de 2020 – Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB).....	255
27. Resolução CEB n.º 2, de 7 de abril de 1998 – Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.....	269
28. Resolução CNE/CEB n.º 3, de 21 de novembro de 2018 – Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio	270
29. Resolução CEB n.º 3, de 10 de novembro de 1999 – Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências.....	279
30. Portaria MEC n.º 1.432, de 28 de dezembro de 2018 – Estabelece os referenciais para elaboração dos itinerários formativos conforme preveem as Diretrizes Nacionais do Ensino Médio.....	280
31. Resolução n.º 365, de dezembro de 2021 – Institui normas complementares para oferta do Ensino Médio e suas modalidades no Sistema Estadual de Ensino	283
32. Resolução n.º 0361, de 3 de novembro de 2021 – Institui o Referencial Curricular Gaúcho para o Ensino Médio (RCGEM)	290
33. Lei n.º 6.672, de 22 de abril de 1974 – Estatuto e Plano de Carreira do Magistério Público do Rio Grande do Sul	290
34. Lei n.º 15.451, de 17 de fevereiro de 2020 – Altera a Lei n.º 6.672.....	304
35. Marco Legal da Primeira Infância – Lei nº 13.257/2016	313
36. Política Nacional de Alfabetização (PNA) – Decreto nº 9.765/2019	319

LÍNGUA PORTUGUESA

LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS DE GÊNEROS VARIADOS, MULTIMODAIS E GÊNEROS DIGITAIS; INFORMAÇÕES LITERAIS E INFERÊNCIAS; COESÃO E COERÊNCIA: MECANISMOS LINGUÍSTICOS E SEMÂNTICOS; ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO E DOS PARÁGRAFOS

A leitura e interpretação de textos são habilidades essenciais no âmbito dos concursos públicos, pois exigem do candidato a capacidade de compreender não apenas o sentido literal, mas também as nuances e intenções do autor. Os textos podem ser divididos em duas categorias principais: literários e não literários. A interpretação de ambos exige um olhar atento à estrutura, ao ponto de vista do autor, aos elementos de coesão e à argumentação. Neste contexto, é crucial dominar técnicas de leitura que permitam identificar a ideia central do texto, inferir informações implícitas e analisar a organização textual de forma crítica e objetiva.

— Compreensão Geral do Texto

A compreensão geral do texto consiste em identificar e captar a mensagem central, o tema ou o propósito de um texto, sejam eles explícitos ou implícitos. Esta habilidade é crucial tanto em textos literários quanto em textos não literários, pois fornece ao leitor uma visão global da obra, servindo de base para uma interpretação mais profunda. A compreensão geral vai além da simples decodificação das palavras; envolve a percepção das intenções do autor, o entendimento das ideias principais e a identificação dos elementos que estruturam o texto.

— Textos Literários

Nos textos literários, a compreensão geral está ligada à interpretação dos aspectos estéticos e subjetivos. É preciso considerar o gênero (poesia, conto, crônica, romance), o contexto em que a obra foi escrita e os recursos estilísticos utilizados pelo autor. A mensagem ou tema de um texto literário muitas vezes não é transmitido de maneira direta. Em vez disso, o autor pode utilizar figuras de linguagem (metáforas, comparações, simbolismos), criando camadas de significação que exigem uma leitura mais interpretativa.

Por exemplo, em um poema de Manuel Bandeira, como “O Bicho”, ao descrever um homem que revirava o lixo em busca de comida, a compreensão geral vai além da cena literal. O poema denuncia a miséria e a degradação humana, mas faz isso por meio de uma imagem que exige do leitor sensibilidade para captar essa crítica social indireta.

Outro exemplo: em contos como “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, a narrativa foca na jornada de transformação espiritual de um homem. Embora o texto tenha uma história clara, sua compreensão geral envolve perceber os elementos de religiosidade e redenção que permeiam a narrativa, além de entender como o autor utiliza a linguagem regionalista para dar profundidade ao enredo.

— Textos Não Literários

Em textos não literários, como artigos de opinião, reportagens, textos científicos ou jurídicos, a compreensão geral tende a ser mais direta, uma vez que esses textos visam transmitir informações objetivas, ideias argumentativas ou instruções. Neste caso, o leitor precisa identificar claramente o tema principal ou a tese defendida pelo autor e compreender o desenvolvimento lógico do conteúdo.

Por exemplo, em um artigo de opinião sobre os efeitos da tecnologia na educação, o autor pode defender que a tecnologia é uma ferramenta essencial para o aprendizado no século XXI. A compreensão geral envolve identificar esse posicionamento e as razões que o autor oferece para sustentá-lo, como o acesso facilitado ao conhecimento, a personalização do ensino e a inovação nas práticas pedagógicas.

Outro exemplo: em uma reportagem sobre desmatamento na Amazônia, o texto pode apresentar dados e argumentos para expor a gravidade do problema ambiental. O leitor deve captar a ideia central, que pode ser a urgência de políticas de preservação e as consequências do desmatamento para o clima global e a biodiversidade.

— Estratégias de Compreensão

Para garantir uma boa compreensão geral do texto, é importante seguir algumas estratégias:

- **Leitura Atenta:** Ler o texto integralmente, sem pressa buscando entender o sentido de cada parte e sua relação com o todo.

- **Identificação de Palavras-Chave:** Buscar termos e expressões que se repetem ou que indicam o foco principal do texto.

- **Análise do Título e Subtítulos:** Estes elementos frequentemente apontam para o tema ou ideia principal do texto, especialmente em textos não literários.

- **Contexto de Produção:** Em textos literários, o contexto histórico, cultural e social do autor pode fornecer pistas importantes para a interpretação do tema. Nos textos não literários, o contexto pode esclarecer o objetivo do autor ao produzir aquele texto, seja para informar, convencer ou instruir.

- **Perguntas Norteadoras:** Ao ler, o leitor pode se perguntar: Qual é o tema central deste texto? Qual é a intenção do autor ao escrever este texto? Há uma mensagem explícita ou implícita?

Exemplos Práticos

- **Texto Literário:** Um poema como “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias pode, à primeira vista, parecer apenas uma descrição saudosista da pátria. No entanto, a compreensão geral deste texto envolve entender que ele foi escrito no contexto de um poeta exilado, expressando tanto amor pela pátria quanto um sentimento de perda e distanciamento.

- **Texto Não Literário:** Em um artigo sobre as mudanças climáticas, a tese principal pode ser que a ação humana é a principal responsável pelo aquecimento global. A compreensão geral exigiria que o leitor identificasse essa tese e as evidências apresentadas, como dados científicos ou opiniões de especialistas, para apoiar essa afirmação.

– Importância da Compreensão Geral

Ter uma boa compreensão geral do texto é o primeiro passo para uma interpretação eficiente e uma análise crítica. Nos concursos públicos, essa habilidade é frequentemente testada em questões de múltipla escolha e em questões dissertativas, nas quais o candidato precisa demonstrar sua capacidade de resumir o conteúdo e de captar as ideias centrais do texto.

Além disso, uma leitura superficial pode levar a erros de interpretação, prejudicando a resolução correta das questões. Por isso, é importante que o candidato esteja sempre atento ao que o texto realmente quer transmitir, e não apenas ao que é dito de forma explícita. Em resumo, a compreensão geral do texto é a base para todas as outras etapas de interpretação textual, como a identificação de argumentos, a análise da coesão e a capacidade de fazer inferências.

– Ponto de Vista ou Ideia Central Defendida pelo Autor

O ponto de vista ou a ideia central defendida pelo autor são elementos fundamentais para a compreensão do texto, especialmente em textos argumentativos, expositivos e literários. Identificar o ponto de vista do autor significa reconhecer a posição ou perspectiva adotada em relação ao tema tratado, enquanto a ideia central refere-se à mensagem principal que o autor deseja transmitir ao leitor.

Esses elementos revelam as intenções comunicativas do texto e ajudam a esclarecer as razões pelas quais o autor constrói sua argumentação, narrativa ou descrição de determinada maneira. Assim, compreender o ponto de vista ou a ideia central é essencial para interpretar adequadamente o texto e responder a questões que exigem essa habilidade.

– Textos Literários

Nos textos literários, o ponto de vista do autor pode ser transmitido de forma indireta, por meio de narradores, personagens ou símbolos. Muitas vezes, os autores não expõem claramente suas opiniões, deixando a interpretação para o leitor. O ponto de vista pode variar entre diferentes narradores e personagens, enriquecendo a pluralidade de interpretações possíveis.

Um exemplo clássico é o narrador de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Embora Bentinho (o narrador-personagem) conte a história sob sua perspectiva, o leitor percebe que o ponto de vista dele é enviesado, e isso cria ambiguidade sobre a questão central do livro: a possível traição de Capitu. Nesse caso, a ideia central pode estar relacionada à incerteza e à subjetividade das percepções humanas.

Outro exemplo: em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, o ponto de vista é o de uma narrativa em terceira pessoa que se foca nos personagens humildes e no sofrimento causado pela seca no sertão nordestino. A ideia central do texto é a denúncia das condições de vida precárias dessas pessoas, algo que o autor faz por meio de uma linguagem econômica e direta, alinhada à dureza da realidade descrita.

Nos poemas, o ponto de vista também pode ser identificado pelo eu lírico, que expressa sentimentos, reflexões e visões de mundo. Por exemplo, em “O Navio Negreiro”, de Castro Alves, o eu lírico adota um tom de indignação e denúncia ao descrever as atrocidades da escravidão, reforçando uma ideia central de crítica social.

– Textos Não Literários

Em textos não literários, o ponto de vista é geralmente mais explícito, especialmente em textos argumentativos, como artigos de opinião, editoriais e ensaios. O autor tem o objetivo de convencer o leitor de uma determinada posição sobre um tema. Nesse tipo de texto, a tese (ideia central) é apresentada de forma clara logo no início, sendo defendida ao longo do texto com argumentos e evidências.

Por exemplo, em um artigo de opinião sobre a reforma tributária, o autor pode adotar um ponto de vista favorável à reforma, argumentando que ela trará justiça social e reduzirá as desigualdades econômicas. A ideia central, neste caso, é a defesa da reforma como uma medida necessária para melhorar a distribuição de renda no país. O autor apresentará argumentos que sustentem essa tese, como dados econômicos, exemplos de outros países e opiniões de especialistas.

Nos textos científicos e expositivos, a ideia central também está relacionada ao objetivo de informar ou esclarecer o leitor sobre um tema específico. A neutralidade é mais comum nesses casos, mas ainda assim há um ponto de vista que orienta a escolha das informações e a forma como elas são apresentadas. Por exemplo, em um relatório sobre os efeitos do desmatamento, o autor pode não expressar diretamente uma opinião, mas ao apresentar evidências sobre o impacto ambiental, está implicitamente sugerindo a importância de políticas de preservação.

– Como Identificar o Ponto de Vista e a Ideia Central

Para identificar o ponto de vista ou a ideia central de um texto, é importante atentar-se a certos aspectos:

1. Título e Introdução: Muitas vezes, o ponto de vista do autor ou a ideia central já são sugeridos pelo título do texto ou pelos primeiros parágrafos. Em artigos e ensaios, o autor frequentemente apresenta sua tese logo no início, o que facilita a identificação.

2. Linguagem e Tom: A escolha das palavras e o tom (objetivo, crítico, irônico, emocional) revelam muito sobre o ponto de vista do autor. Uma linguagem carregada de emoção ou uma sequência de dados e argumentos lógicos indicam como o autor quer que o leitor interprete o tema.

3. Seleção de Argumentos: Nos textos argumentativos, os exemplos, dados e fatos apresentados pelo autor refletem o ponto de vista defendido. Textos favoráveis a uma determinada posição tenderão a destacar aspectos que reforcem essa perspectiva, enquanto minimizam ou ignoram os pontos contrários.

4. Conectivos e Estrutura Argumentativa: Conectivos como “portanto”, “por isso”, “assim”, “logo” e “no entanto” são usados para introduzir conclusões ou para contrastar argumentos, ajudando a deixar claro o ponto de vista do autor. A organização do texto em blocos de ideias também pode indicar a progressão da defesa da tese.

5. Conclusão: Em muitos textos, a conclusão serve para reafirmar o ponto de vista ou ideia central. Neste momento, o autor resume os principais argumentos e reforça a posição defendida, ajudando o leitor a compreender a ideia principal.

Exemplos Práticos

- **Texto Literário:** No conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, o narrador adota uma postura irônica, refletindo o ceticismo em relação à superstição. A ideia central do texto gira em torno da crítica ao comportamento humano que, por vezes, busca respostas mágicas para seus problemas, ignorando a racionalidade.

- **Texto Não Literário:** Em um artigo sobre os benefícios da alimentação saudável, o autor pode adotar o ponto de vista de que uma dieta equilibrada é fundamental para a prevenção de doenças e para a qualidade de vida. A ideia central, portanto, é que os hábitos alimentares influenciam diretamente a saúde, e isso será sustentado por argumentos baseados em pesquisas científicas e recomendações de especialistas.

– Diferença entre Ponto de Vista e Ideia Central

Embora relacionados, ponto de vista e ideia central não são sinônimos. O ponto de vista refere-se à posição ou perspectiva do autor em relação ao tema, enquanto a ideia central é a mensagem principal que o autor quer transmitir. Um texto pode defender a mesma ideia central a partir de diferentes pontos de vista. Por exemplo, dois textos podem defender a preservação do

meio ambiente (mesma ideia central), mas um pode adotar um ponto de vista econômico (focando nos custos de desastres naturais) e o outro, um ponto de vista social (focando na qualidade de vida das futuras gerações).

– Argumentação

A argumentação é o processo pelo qual o autor apresenta e desenvolve sua ideia com o intuito de convencer ou persuadir o leitor. Em um texto argumentativo, a argumentação é fundamental para a construção de um raciocínio lógico e coeso que sustente a tese ou ponto de vista do autor. Ela se faz presente em diferentes tipos de textos, especialmente nos dissertativos, artigos de opinião, editoriais e ensaios, mas também pode ser encontrada de maneira indireta em textos literários e expositivos.

A qualidade da argumentação está diretamente ligada à clareza, à consistência e à relevância dos argumentos apresentados, além da capacidade do autor de antecipar e refutar possíveis contra-argumentos. Ao analisar a argumentação de um texto, é importante observar como o autor organiza suas ideias, quais recursos utiliza para justificar suas posições e de que maneira ele tenta influenciar o leitor.

– Estrutura da Argumentação

A argumentação em um texto dissertativo-argumentativo, por exemplo, costuma seguir uma estrutura lógica que inclui:

1. Tese: A tese é a ideia central que o autor pretende defender. Ela costuma ser apresentada logo no início do texto, frequentemente na introdução. A tese delimita o ponto de vista do autor sobre o tema e orienta toda a argumentação subsequente.

2. Argumentos: São as justificativas que sustentam a tese. Podem ser de vários tipos, como argumentos baseados em fatos, estatísticas, opiniões de especialistas, experiências concretas ou raciocínios lógicos. O autor utiliza esses argumentos para demonstrar a validade de sua tese e persuadir o leitor.

3. Contra-argumentos e Refutação: Muitas vezes, para fortalecer sua argumentação, o autor antecipa e responde a possíveis objeções ao seu ponto de vista. A refutação é uma estratégia eficaz que demonstra que o autor considerou outras perspectivas, mas que tem razões para desconsiderá-las ou contestá-las.

4. Conclusão: Na conclusão, o autor retoma a tese inicial e resume os principais pontos da argumentação, reforçando seu ponto de vista e buscando deixar uma impressão duradoura no leitor.

– Tipos de Argumentos

A argumentação pode utilizar diferentes tipos de argumentos, dependendo do objetivo do autor e do contexto do texto. Entre os principais tipos, podemos destacar:

1. Argumento de autoridade: Baseia-se na citação de especialistas ou de instituições renomadas para reforçar a tese. Esse tipo de argumento busca emprestar credibilidade à posição defendida.

Exemplo: “Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma alimentação equilibrada pode reduzir em até 80% o risco de doenças crônicas, como diabetes e hipertensão.”

2. Argumento de exemplificação: Utiliza exemplos concretos para ilustrar e validar o ponto de vista defendido. Esses exemplos podem ser tirados de situações cotidianas, casos históricos ou experimentos.

Exemplo: “Em países como a Suécia e a Finlândia, onde o sistema educacional é baseado na valorização dos professores, os índices de desenvolvimento humano são superiores à média global.”

3. Argumento lógico (ou dedutivo): É baseado em um raciocínio lógico que estabelece uma relação de causa e efeito, leva o leitor a aceitar a conclusão apresentada. Esse tipo de argumento pode ser dedutivo (parte de uma premissa geral para uma conclusão específica) ou indutivo (parte de exemplos específicos para uma conclusão geral).

Exemplo dedutivo: “Todos os seres humanos são mortais. Sócrates é um ser humano. Logo, Sócrates é mortal.”

Exemplo indutivo: “Diversos estudos demonstram que o uso excessivo de tela prejudica a visão. Portanto, o uso prolongado de celulares e computadores também pode afetar negativamente a saúde ocular.”

4. Argumento emocional (ou patético): Apela aos sentimentos do leitor, utilizando a emoção como meio de convencimento. Este tipo de argumento pode despertar empatia, compaixão, medo ou revolta no leitor, dependendo da maneira como é apresentado.

Exemplo: “Milhares de crianças morrem de fome todos os dias enquanto toneladas de alimentos são desperdiçadas em países desenvolvidos. É inaceitável que, em pleno século XXI, ainda enfrentemos essa realidade.”

5. Argumento de comparação ou analogia: Compara situações semelhantes para fortalecer o ponto de vista do autor. A comparação pode ser entre eventos, fenômenos ou comportamentos para mostrar que a lógica aplicada a uma situação também se aplica à outra.

Exemplo: “Assim como o cigarro foi amplamente aceito durante décadas, até que seus malefícios para a saúde fossem comprovados, o consumo excessivo de açúcar hoje deve ser visto com mais cautela, já que estudos indicam seus efeitos nocivos a longo prazo.”

– Coesão e Coerência na Argumentação

A eficácia da argumentação depende também da coesão e coerência no desenvolvimento das ideias. Coesão refere-se aos mecanismos linguísticos que conectam as diferentes partes do texto, como pronomes, conjunções e advérbios. Estes elementos garantem que o texto flua de maneira lógica e fácil de ser seguido.

Exemplo de conectivos importantes:

- Para adicionar informações: “além disso”, “também”, “ademais”.
- Para contrastar ideias: “no entanto”, “por outro lado”, “todavia”.
- Para concluir: “portanto”, “assim”, “logo”.

Já a coerência diz respeito à harmonia entre as ideias, ou seja, à lógica interna do texto. Um texto coerente apresenta uma relação clara entre a tese, os argumentos e a conclusão. A falta de coerência pode fazer com que o leitor perca o fio do raciocínio ou não aceite a argumentação como válida.

– Exemplos Práticos de Argumentação

- **Texto Argumentativo (Artigo de Opinião):** Em um artigo que defenda a legalização da educação domiciliar no Brasil, a tese pode ser que essa prática oferece mais liberdade educacional para os pais e permite uma personalização do ensino. Os argumentos poderiam incluir exemplos de países onde a educação domiciliar é bem-sucedida, dados sobre o desempenho acadêmico de crianças educadas em casa e opiniões de especialistas. O autor também pode refutar os argumentos de que essa modalidade de ensino prejudica a socialização das crianças, citando estudos que mostram o contrário.

- **Texto Literário:** Em obras literárias, a argumentação pode ser mais sutil, mas ainda está presente. No romance “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, embora a narrativa siga a vida de crianças abandonadas nas ruas de Salvador, a estrutura do texto e a escolha dos eventos apresentados constroem uma crítica implícita à desigualdade social e à falta de políticas públicas eficazes. A argumentação é feita de maneira indireta, por meio das experiências dos personagens e do ambiente descrito.

– Análise Crítica da Argumentação

Para analisar criticamente a argumentação de um texto, é importante que o leitor:

- 1. Avalie a pertinência dos argumentos:** Os argumentos são válidos e relevantes para sustentar a tese? Estão bem fundamentados?
- 2. Verifique a solidez da lógica:** O raciocínio seguido pelo autor é coerente? Há falácias argumentativas que enfraquecem a posição defendida?
- 3. Observe a diversidade de fontes:** O autor utiliza diferentes tipos de argumentos (fatos, opiniões, dados) para fortalecer sua tese, ou a argumentação é unilateral e pouco fundamentada?

CONHECIMENTOS PEDAGÓGICOS

A GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA E O TRABALHO COLETIVO: O PROFESSOR COMO AGENTE TRANSFORMADOR

A gestão escolar democrática e participativa constitui um dos fundamentos essenciais de uma educação voltada para a cidadania, para a justiça social e para a construção coletiva do conhecimento. Essa concepção rompe com modelos autoritários e centralizadores de administração educacional e propõe uma organização escolar baseada na escuta, na corresponsabilidade, no diálogo e na transparência. Mais do que um modelo de gestão, trata-se de uma prática política e pedagógica que envolve todos os sujeitos da comunidade escolar – direção, coordenação pedagógica, professores, estudantes, funcionários, pais e responsáveis – na tomada de decisões e na construção do projeto educativo da escola.

A democratização da gestão pressupõe a participação efetiva dos diversos segmentos escola e nos processos de planejamento, acompanhamento e avaliação das ações pedagógicas e administrativas. Para isso, é necessário criar e fortalecer espaços institucionais de diálogo, como conselhos escolares, grêmios estudantis, associações de pais e mestres, assembleias, reuniões pedagógicas e audiências públicas. Esses espaços, no entanto, não devem ser meramente formais ou burocráticos, mas ambientes de escuta ativa, de construção de consensos e de reconhecimento da diversidade de vozes que compõem a escola. A gestão participativa requer, portanto, tempo, investimento e formação dos sujeitos para a prática do diálogo democrático.

Internamente, a gestão escolar democrática se expressa na valorização do trabalho coletivo, na horizontalidade das relações, na construção de um ambiente escolar acolhedor e na articulação entre os diferentes setores da escola. Isso significa promover o planejamento participativo, garantir a circulação de informações, respeitar os diferentes pontos de vista e incentivar o protagonismo dos profissionais da educação. A coordenação pedagógica e a equipe gestora, nesse modelo, atuam como articuladores das ações, mediadores de conflitos e facilitadores de processos formativos. A escuta das demandas dos professores e estudantes, a clareza nos critérios de organização e a coerência entre discurso e prática são condições indispensáveis para consolidar uma cultura democrática no interior da escola.

Outro aspecto fundamental da gestão democrática é a relação com a comunidade. A escola pública, como instituição social, deve estar aberta ao diálogo com o território em que se insere, reconhecendo as famílias, os movimentos sociais, as organizações comunitárias e as instituições locais como parceiros no processo educativo. Essa relação não deve se restringir à convocação de reuniões pontuais, mas se constituir como vínculo permanente, pautado na confiança, na corresponsabilidade e na valorização dos saberes e experiências das famílias e da comunidade. A

abertura da escola à participação externa amplia sua legitimidade, fortalece sua função social e contribui para que o currículo escola dialogue com a realidade e viva pelos estudantes.

A articulação entre escola e comunidade também favorece a construção de projetos pedagógicos contextualizados, o desenvolvimento de ações intersetoriais e a ampliação das redes de apoio à aprendizagem. A escuta das famílias permite à escola compreender melhor as condições concretas de vida dos alunos e elaborar estratégias mais eficazes de inclusão, permanência e sucesso escolar. A gestão democrática, nesse sentido, promove uma nova cultura de participação, que ultrapassa a lógica da queixa ou da cobrança e se transforma em envolvimento propositivo, diálogo permanente e compromisso coletivo com a formação das novas gerações.

Portanto, a gestão escolar democrática e participativa não é apenas uma diretriz normativa presente nas legislações educacionais brasileiras – como a Constituição Federal de 1988, a LDB (Lei nº 9.394/1996) e o Plano Nacional de Educação –, mas um princípio ético e político que orienta a organização da escola como espaço público de formação cidadã. Ela demanda mudança de postura dos gestores, formação contínua das equipes, construção de vínculos e valorização da escuta como prática pedagógica. Ao assumir essa perspectiva, a escola se torna mais transparente, mais justa e mais coerente com os ideais de uma educação emancipadora, capaz de promover sujeitos críticos, solidários e comprometidos com a transformação da sociedade.

PROJETO EDUCATIVO: FUNDAMENTOS E CONCEPÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS EM ARTICULAÇÃO COM O CURRÍCULO

O projeto educativo é um instrumento importante para a organização do trabalho pedagógico na escola. Ele consiste em um conjunto de princípios, objetivos, metas e estratégias que orientam as ações educativas da instituição.

As concepções didático-pedagógicas, por sua vez, referem-se às diferentes formas de compreender e abordar o processo de ensino e aprendizagem. Elas envolvem desde a forma como o conhecimento é construído até a forma como ele é transmitido e avaliado.

A escolha das concepções didático-pedagógicas que nortearão o projeto educativo é fundamental para o sucesso da instituição. Elas devem estar alinhadas com a realidade da escola e com as necessidades dos alunos, além de estar em consonância com as políticas educacionais vigentes.

Algumas das concepções didático-pedagógicas mais comuns são a tradicional, a renovada, a crítico-social dos conteúdos e a histórico-cultural. Cada uma delas possui características específicas e implicações diferentes para a organização do trabalho pedagógico.



– **A concepção tradicional**, por exemplo, tem como base a transmissão de conhecimentos por meio da exposição oral do professor e da memorização dos conteúdos pelos alunos. Já a concepção renovada busca uma abordagem mais participativa, com a valorização da experiência do aluno e do trabalho em grupo.

– **A concepção crítico-social** dos conteúdos, por sua vez, busca conectar o conhecimento escolar com a realidade social dos alunos, buscando desenvolver sua capacidade de reflexão crítica e de transformação da sociedade.

– **A concepção histórico-cultural** enfatiza a importância do desenvolvimento da língua e da cultura na construção do conhecimento.

Independentemente da concepção didático-pedagógica escolhida, é importante que ela esteja presente no projeto educativo de forma clara e objetiva. Além disso, é importante que os professores estejam alinhados com ela e que possam implementá-la de forma coerente e consistente em sala de aula.

Em resumo, o projeto educativo e as concepções didático-pedagógicas são fundamentais para a organização do trabalho pedagógico na escola. É preciso que eles estejam em sintonia para que a instituição possa cumprir sua função social de forma efetiva e garantir a formação integral dos alunos.

CONCEPÇÕES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS E A PRÁTICA EDUCATIVA

para adentrarmos no tema, faz-se primeiramente importante diferenciar os conceitos de *práticas pedagógicas* e *práticas educativas*, que, em geral, são abordados como se designadores do mesmo assunto. As práticas educativas dizem respeito aos esforços empenhados para que os processos de ensino se efetivem, enquanto as práticas pedagógicas estão relacionadas a tudo que envolve o âmbito social no sentido de se concretizar os processos pedagógicos. Assim, entende-se que pedagogia e educação, apesar de estarem mutuamente articuladas, são propriedades distintas. Epistemologicamente, a educação pode ser conceituada como o objeto de estudo sobre o qual a pedagogia se debruça. Já sob um ponto de vista ontológico, é possível afirmar que a educação consiste em um grupo de práticas sociais que representam e operam sobre a vida dos indivíduos, de forma difusa, profunda e aleatória.

A pedagogia, no que lhe concerne, pode ser entendida como uma prática social que visa à *organização* → *compreensão* → *transformação* das ações sociais educacionais que fundamentam e direcionam as práticas educativas. Dizer que as práticas pedagógicas são desempenhos que se executam visando à *organização* → *potencialização* → *interpretação* dos propósitos de um projeto educativo implica favorecer uma outra epistemologia pedagógica. Essa nova teoria tem natureza crítico-emancipatória, e conceitua a pedagogia como uma prática social direcionada por um raciocínio pautado na reflexão acerca do que se observa nas práticas educativas, assim como por uma concepção crítica do que a prática educativa pode significar.

De fato, as práticas pedagógicas estruturam-se de forma intencional para atender as dadas expectativas educacionais exigidas por uma determinada comunidade e da sociedade. Dessa forma, essas práticas lidam, em seu processo de elaboração, um impasse elementar: seus valores e sua representatividade são frutos de acordos sociais. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua

construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de convenções e decisões realizadas em coletivos, ou seja, de pactos sociais. Isso quer dizer que as práticas pedagógicas se estruturarem, elas progridem e se desenvolvem por **erência e ordos ou por coe õ**.

As práticas educativas, por sua vez, compreendem projetos qualificadores do processo de aprendizado e auxiliam o progresso dos alunos. Elas envolvem projetos que qualificam o processo de aprendizagem e contribuem para o desenvolvimento dos alunos.

METODOLOGIAS DE ENSINO

¹O ensino tradicional é muito usado pelos professores de diversas disciplinas, tanto no ensino médio como no fundamental, muitas vezes pela falta de tempo do professor ir à busca de novidades, acaba optando por usar sempre a mesma metodologia, onde os alunos muitas vezes só escutam sem poder argumentar. Estas aulas fazem com que os alunos só copiem e decorem.

Segundo Sant’Anna (2016) é de conhecimento geral que a metodologia mais usada e muitas vezes única para ensinar em um ambiente escolar ainda é o giz e o quadro. O ensino baseado em um único estilo só atingiria um tipo particular de alunos, esquecendo-se dos outros, como por exemplo, os alunos visuais que aprendem mais facilmente vendo imagens ou fazendo-as em forma de esquemas, os auditivos que compreendem melhor se as informações forem passadas de forma oral, são alunos que escutam mais as aulas e leem em voz alta. Além disso, os sinestésicos aprendem melhor fazendo, por isso preferem aulas mais dinâmicas, com movimentos, experimentos que possam manipular.

O uso de estratégias metodológicas diversificadas tem ganhado destaque como uma possibilidade de ajuda para o aluno compreender e aprender os conteúdos abordados, desenvolvendo o conhecimento científico.

Nova metodologia implica o preparo do docente e a receptividade do discente, que muitas vezes, opta por não se abrir para o novo. No entanto, faz-se imprescindível os avanços da educação, para que se descubra o novo, proporcionando a abertura de novos caminhos. Com esse propósito, é necessário fazer uma observação profunda sobre as metodologias empregadas atualmente, para, a partir daí, propor novas vivências (XAVIER, 2018). O docente muitas vezes se deixa levar pela facilidade das aulas tradicionais, onde o aluno abre o livro e lê o conteúdo e responde as questões, sem nem mesmo poder argumente o conteúdo lido.

— Metodologias Ativas

²Atualmente, entende-se que os procedimentos de ensino são tão importantes quanto os próprios conteúdos de aprendizagem. Portanto, as técnicas de ensino tradicional passam a fazer parte

¹<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20594/1/metodologiasdiferenciadasutilizadasensino.pdf>

² PAIVA, M.R.F.; PARENTE, J.R.F.; BRANDÃO, I.R.; QUEIROZ, A.H.B.; *Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Revisão Integrativa*. SANARE, Sobral - V.15 n.02, p.145-153, Jun./Dez. - 2016.

do escopo de teóricos não só da área da Educação, mas de toda a comunidade intelectual que busca identificar suas deficiências e buscam propor novas metodologias de ensino-aprendizagem.

As metodologias ativas de ensino-aprendizagem compartilham uma preocupação, porém, não se pode afirmar que são uniformes tanto do ponto de vista dos pressupostos teóricos como metodológicos; assim, identificam-se diferentes modelos e estratégias para sua operacionalização, constituindo alternativas para o processo de ensino-aprendizagem, com diversos benefícios e desafios, nos diferentes níveis educacionais.

Este estudo adotou a seguinte questão norteadora: “Como as metodologias ativas de ensino-aprendizagem vêm sendo utilizadas nos cenários de educação e quais são os benefícios e desafios de seu uso?”. Dessa forma, analisa-se, aqui, o uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem a partir de uma revisão interativa da literatura, com objetivos específicos:

- I) identificar os cenários de uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem;
- II) verificar as modalidades e estratégias de operacionalização das metodologias ativas de ensino-aprendizagem; e
- III) determinar os benefícios e desafios do uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

As tendências do século XXI indicam que a característica central da educação é o deslocamento do enfoque individual para o enfoque social, político e ideológico. A educação ocorre durante a vida inteira, constituindo um processo que não é neutro. Um estudo propôs quatro pilares do conhecimento e da formação continuada, considerados norteadores:

- I) aprender a conhecer;
- II) aprender a fazer;
- III) aprender a conviver; e
- IV) aprender a ser.

Eles apontam um novo rumo para as propostas educativas e exprimem necessidades de atualização das metodologias educacionais da atualidade.

O processo de ensino estabelece uma relação diferenciada com o educando, onde se observa uma trajetória de construção do saber e promoção da aprendizagem. Trata-se de uma relação “que ativa o processo de aprendizagem em função de capacidades particulares a adquirir”. A questão do ensino não se limita à habilidade de dar aulas, também envolve a efetivação de levar ao aprender. O vínculo entre aprendizagem e ensino não é causal, ou seja, o ensino não causa a aprendizagem nem desenvolve novas capacidades que podem levar à aprendizagem. Ensinar e aprender estão vinculados ontologicamente, assim, a significação do ensino depende do sentido que se dá à aprendizagem e a significação da aprendizagem depende das atividades geradas pelo ensino. Compreende-se que a aprendizagem necessita do saber reconstruído pelo próprio sujeito e não simplesmente reproduzido de modo mecânico e acrítico.

Até recentemente, observava-se pequena preocupação em relação às metodologias de ensino e acerca das consequências de seu uso. Destaca-se, aqui, uma célebre frase que traduz essa questão: enquanto os conteúdos do ensino informam, os métodos de ensino formam. Isso porque essa opção metodológica pode ter efeitos decisivos sobre a formação da mentalidade do aluno, de sua cosmovisão, de seu sistema de valores e, finalmente, de seu modo de viver. A metodologia utilizada pelo educador pode

ensinar o educando a ser livre ou submisso, seguro ou inseguro; disciplinado ou desordenado; responsável ou irresponsável; competitivo ou cooperativo.

O ensino e a aprendizagem ganham caráter dialético, isto é, de constante movimento e construção por aqueles que o fazem, onde ensinar está diretamente relacionado com o aprender: o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo.

O ensino exige rigor metodológico; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporeidade das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e elevação da identidade cultural. Essas características atribuídas ao ensino se somam e são norteadoras de uma proposta educacional que recusa a educação e o ensino por uma visão simplória e, aqui, vista como errônea do ensino como mera transmissão de conhecimentos.

Quando o professor planeja sua atuação em sala de aula, adota uma postura de estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimentos. Essa conotação de ensino precisa ser compartilhada não apenas pelo professor, mas pelos alunos envolvidos no ensinar-aprender; além de uma compreensão, essa proposta de ensino exige constante presença e vivência. O ensinar exige a consciência do inacabamento, da infinidade do processo de conhecer; onde a curiosidade e a postura ativa do educando são imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem.

Alcança-se, então, a ideia de educação problematizadora em oposição à noção de educação bancária. Esse movimento não é de “enchimento” dos educandos com um conhecimento imposto; o caminho da educação problematizadora implica que o educando possa desenvolver seu processo de compreensão e construção do mundo em sua relação com a realidade e em transformação. Indicamos algumas das principais propostas que se inserem em uma perspectiva de metodologias ativas de ensino-aprendizagem.

A ideia de uma educação problematizadora ou libertadora sugere a transformação do próprio processo de conhecer, nesse momento, insere-se a proposta da resolução de problemas como caminho para a construção do saber significativo. Compreende-se que a aprendizagem ocorre como resultado do desafio de uma situação-problema, assim, “a aprendizagem torna-se uma pesquisa em que o aluno passa de uma visão ‘sincrética’ ou global do problema a uma visão ‘analítica’ do mesmo - através de sua teorização - para chegar a uma ‘síntese’ provisória, que equivale à compreensão. Esse movimento de resolução de problemas exige a participação de professores e alunos de forma ativa durante todo o processo, cujo resultado final é, de fato, construído e a aprendizagem mostra-se significativa para os sujeitos protagonistas da ação”.

— Exemplos de Metodologias Ativas

³Aprendizagem baseada em problemas

A aprendizagem baseada em problemas, *project based learning* (PBL), tem como propósito fazer com que os estudantes aprendam através da resolução colaborativa de desafios. Ao explorar soluções dentro de um contexto específico de aprendizado, que pode utilizar a tecnologia e/ou outros recursos, essa metodologia incentiva a habilidade de investigar, refletir e criar para te a uma situação .

O professor atua como mediador da aprendizagem, provocando e instigando o aluno a buscar as resoluções por si só. O docente tem o papel de intermediar nos trabalhos e projetos e oferecer retorno para a reflexão sobre os caminhos tomados para a construção do conhecimento, estimulando a crítica e reflexão dos jovens.

Aprendizagem baseada em projetos

A aprendizagem baseada em projetos (que também é fundamentada na Aprendizagem baseada em Problemas) exige que os alunos coloquem a mão na massa ao propor que os alunos investiguem como chegar à resolução. Um bom exemplo disso é o movimento *maker*, “faça você mesmo”, que propôs nos últimos anos o resgate da aprendizagem mão na massa, trazendo o conceito “aprendendo a fazer”.

Aprendizagem entre times

A aprendizagem entre times, *team based learning* (TBL), tem por finalidade a formação de equipes dentro da turma, através do aprendizado que privilegia o fazer em conjunto para compartilhar ideias.

O professor pode trabalhar essa aprendizagem através de um estudo de caso ou projeto, para que os alunos resolvam os desafios de forma colaborativa. Dessa forma, eles aprendem uns com os outros, empenhando-se para formar o pensamento crítico, que é construído por meio de discussões e reflexões entre os grupos.

Sala de aula invertida

A sala de aula invertida, *flipped classroom*, pode ser considerada um apoio para trabalhar com as metodologias ativas, que tem como objetivo substituir a maioria das aulas expositivas por extensões da sala de aula em outros ambientes, como em casa e no trabalho.

Nesse modelo, o estudante tem acesso a conteúdo de forma antecipada, podendo ser online para que o tempo em sala de aula seja otimizado, fazendo com que tenha um conhecimento prévio sobre o conteúdo a ser estudado e interaja com os colegas para realizar projetos e resolver problemas. É uma ótima maneira de fazer com que o estudante se interesse pelas aulas e participe ativamente da construção de seu aprendizado, ao se beneficiar com um melhor planejamento de aula e com a utilização de recursos variados, como vídeos, imagens, e textos em diversos formatos.

Ensino Híbrido

O ensino híbrido consiste na união do ensino tradicional e presencial com aquele a distância (EaD). O uso da tecnologia no ensino facilita o contato do aluno com o conhecimento, permitindo que o estudante busque fontes, informações e dados online rapidamente com a finalidade de complementar o que foi dito em sala

Gamificação

O objetivo da gamificação é trazer a experiência dos jogos para o ensino. O ponto principal dessa metodologia é fazer com que os alunos entrem em uma competição saudável, estimulando o pensamento “fora da caixa” e a motivação e a dedicação para o estudo.

As possibilidades para desenvolver metodologias ativas de ensino-aprendizagem são múltiplas, a exemplo da estratégia da problematização, do Arco de Margueret, da aprendizagem baseada em problemas (*problem-based learning* - PBL), da aprendizagem baseada em equipe (*team-based learning* - TBL), do círculo de cultura. Vale esclarecer que outros procedimentos também podem constituir metodologias ativas de ensino-aprendizagem, como: seminários; trabalho em pequenos grupos; relato crítico de experiência; socialização; mesas-redondas; plenárias; exposições dialogadas; debates temáticos; oficinas; leitura comentada; apresentação de filmes; interpretações musicais; dramatizações; dinâmicas lúdico-pedagógicas; portfólio; avaliação oral; entre outros.

PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

As práticas avaliativas na educação envolvem uma variedade de sujeitos, objetos e métodos, cada um desempenhando um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem. A compreensão detalhada desses componentes é essencial para a implementação de avaliações eficazes e significativas que promovam o desenvolvimento integral dos alunos.

Os sujeitos da avaliação são os principais atores envolvidos no processo avaliativo, incluindo alunos, professores, gestores escolares e, indiretamente, pais e responsáveis. Os alunos são os principais sujeitos da avaliação, pois são os que estão sendo avaliados em termos de seu conhecimento, habilidades e competências. Eles participam ativamente do processo, tanto como receptores de feedback quanto como autoavaliados de seu próprio aprendizado.

Os professores são os responsáveis pela aplicação e elaboração das avaliações. Eles desempenham um papel fundamental na interpretação dos resultados e no fornecimento de feedback construtivo. Os professores também utilizam as avaliações para ajustar suas práticas pedagógicas e apoiar o desenvolvimento dos alunos. Os gestores escolares, incluindo diretores e coordenadores pedagógicos, utilizam os resultados das avaliações para tomar decisões estratégicas sobre currículos, metodologias de ensino e políticas educacionais.

Eles também garantem que as práticas avaliativas estejam alinhadas com os objetivos educacionais da instituição. Pais e responsáveis, embora não estejam diretamente envolvidos na criação ou aplicação das avaliações, são partes interessadas

³ <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/como-as-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Professor - Linguagens e suas Tecnologias

O TRABALHO COM COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO ENSINO: DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA, AUTORREGULAÇÃO, COLABORAÇÃO E PENSAMENTO CRÍTICO

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), existem dez competências fundamentais que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo da Educação Básica. São elas:

1. Conhecimento: utilizar e valorizar os saberes construídos ao longo da História a respeito dos domínios físico, social, digital e cultural, para se compreender e desvendar o mundo. Prosseguir no aprendizado e contribuir para a construção de uma sociedade democrática, justa e inclusiva.

2. Pensamento científico, crítico e criativo: estimular o interesse intelectual e explorar os saberes, investigando, refletindo, analisando criticamente, imaginando e criando, para analisar as causas, elaborar hipóteses e testá-las, identificar problemas e solucioná-los a partir daquilo que se assimilou das diversas áreas do conhecimento.

3. Senso estético e repertório cultural: valorizar e usufruir das várias expressões da cultura e das artes, sejam locais ou universais e, da mesma forma, contribuir para a produção das mesmas.

4. Comunicação: usufruir das diversas linguagens (verbal, visual, auditiva, corporal e digital), além de dominar as linguagens matemática, científica e artística, para que possa se expressar e compartilhar vivências, informações, ideias e emoções nas mais diversas situações e gerar significados que levem à compreensão dos envolvidos nessas comunicações.

5. Cultura digital: empregar e elaborar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo significativo, crítico, ético e reflexivo nas mais variadas interações práticas sociais, para que possa se expressar, ter acesso e transmitir informações, gerar conhecimentos, solucionar problemas e protagonizar a sua própria vida ou na vida em comum.

6. Autogestão: valorizar a diversidade de conhecimentos e experiências culturais e assimilar saberes e experiências que lhe permitam o entendimento das relações próprias do universo profissional e tomar decisões ajustadas ao desempenho da cidadania e ao seu projeto de vida com responsabilidade e fazer uso de seus direitos de liberdade, consciência crítica e autonomia.

7. Argumentação: utilizar informações, dados e fatos, para posicionar-se e expor suas ideias, perspectivas e escolhas coletivas com respeito aos direitos humanos e à consciência socioambiental.

8. Autoconhecimento e autocuidado: conhecer-se, estimar-se e zelar por sua saúde física, mental e emocional, reconhecendo-se na diversidade humana e identificando seus sentimentos e os dos demais, sempre com autocrítica e habilidade para enfrentá-las.

9. Empatia e cooperação: exercer a comunicação e o diálogo, a empatia, a cooperação e a solução de conflitos, garantindo seu respeito e ao dos demais, bem como a observância aos direitos humanos.

10. Autonomia: atuar individual e coletivamente de modo autônomo, responsável, resiliente, determinado e flexível, fazendo escolhas fundamentadas nos preceitos da ética, da solidariedade, da democracia, da sustentabilidade e da inclusão.

APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL: FORMAÇÃO ÉTICA, ESTÉTICA, CRÍTICA E CIDADÃ PARA O SÉCULO XXI

A educação é um fenômeno complexo e multifacetado que vai além da simples transmissão de conhecimento. Dois aspectos cruciais que definem a sua natureza e alcance são a função sociopolítica e a função pedagógica.

— Entendendo a função sociopolítica

A função sociopolítica da educação refere-se à sua capacidade de influenciar e moldar a sociedade, não apenas através da transmissão de conhecimento, mas também ao promover valores, cidadania ativa e participação democrática. Essa função reconhece que a educação não ocorre em um vácuo, mas está intrinsecamente ligada às dinâmicas sociais e políticas. Vamos explorar alguns dos elementos-chave dessa função:

Formação de Cidadãos Críticos

A educação com função sociopolítica visa formar cidadãos críticos que possam analisar e questionar as estruturas sociais e políticas. Isso envolve o desenvolvimento do pensamento crítico, capacidade de avaliar informações de maneira independente e compreensão dos sistemas democráticos.

Participação Democrática

Uma sociedade democrática prospera quando seus cidadãos estão engajados e participam ativamente no processo político. A educação sociopolítica promove a compreensão dos princípios democráticos, incentivando os alunos a exercerem seus direitos civis e a contribuir para o desenvolvimento democrático.

Conscientização Social

A função sociopolítica da educação busca aumentar a conscientização social, abordando questões como desigualdade, injustiça e direitos humanos. Isso envolve expor os alunos a diferentes realidades sociais e promover a empatia e compreensão das complexidades das questões sociais.

Ética e Responsabilidade Social

A ética e a responsabilidade social são valores fundamentais nessa função. Os alunos são incentivados a considerar o impacto ético de suas ações na sociedade e a desenvolver um senso de responsabilidade em relação aos outros membros da comunidade.

Promoção da Diversidade e Inclusão

Reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade é um aspecto crucial. A educação sociopolítica trabalha para criar ambientes inclusivos, onde diferentes perspectivas são celebradas, e os alunos aprendem a respeitar e apreciar a diversidade e a cultura étnica e social.

— A integração com a função pedagógica

Enquanto a função sociopolítica aborda a relação entre educação e sociedade, a função pedagógica concentra-se nos métodos e práticas de ensino. A integração dessas duas funções é vital para criar uma abordagem educacional holística que não apenas fornece conhecimento, mas também prepara os alunos para serem cidadãos ativos e reflexivos. Vamos explorar como essas duas funções podem ser integradas de maneira eficaz:

Desenvolvimento do Pensamento Crítico

A função pedagógica pode ser projetada para cultivar o pensamento crítico desde as primeiras etapas da educação. Estratégias de ensino que incentivam a análise, o questionamento e a resolução de problemas contribuem para a formação de cidadãos críticos.

Metodologias Ativas e Participativas

Integrar metodologias ativas e participativas no ensino é essencial. Isso inclui debates, discussões em grupo, projetos práticos e simulações que proporcionam aos alunos experiências práticas de participação democrática e tomada de decisões.

Currículo Reflexivo e Contextualizado

O desenvolvimento de um currículo que reflita as realidades sociais e políticas locais e globais é fundamental. Isso permite que os alunos entendam a relevância do que estão aprendendo para a sociedade em que vivem, conectando o conhecimento à sua aplicação prática.

Incorporação de Temas Sociopolíticos

A introdução de temas sociopolíticos em diferentes disciplinas enriquece a experiência educacional. Por exemplo, questões éticas podem ser discutidas em aulas de ciências, enquanto temas sociais podem ser explorados em aulas de literatura.

Avaliação Formativa e Reflexiva

A avaliação pedagógica pode ser alinhada com os objetivos sociopolíticos. Avaliações que incentivam a reflexão sobre questões éticas, análise crítica de eventos sociais e a aplicação prática do conhecimento contribuem para a formação de cidadãos comprometidos.

— Desafios na integração das funções

A integração da função sociopolítica com a função pedagógica não está isenta de desafios. Alguns dos desafios comuns incluem:

Resistência Institucional

Algumas instituições podem resistir a mudanças em suas práticas pedagógicas, especialmente aquelas que envolvem discussões políticas ou sociais. Superar essa resistência requer uma abordagem gradual, com diálogo e justificativas claras.

Falta de Recursos

A implementação de metodologias ativas e a incorporação de temas sociopolíticos muitas vezes requerem recursos adicionais. A falta de financiamento e materiais adequados pode ser um obstáculo, exigindo soluções criativas e o envolvimento da comunidade.

Formação de Professores

A formação de professores é um elemento-chave. Muitos educadores podem não estar familiarizados com abordagens pedagógicas que integram a função sociopolítica, exigindo programas de desenvolvimento profissional contínuo.

Pressões Curriculares e Avaliativas

Pressões para cumprir padrões curriculares e avaliações padronizadas podem limitar a flexibilidade necessária para integrar plenamente as funções sociopolítica e pedagógica. Equilibrar as demandas curriculares com objetivos mais amplos é um desafio constante.

— Potenciais impactos positivos

A integração eficaz da função sociopolítica e pedagógica pode resultar em uma série de impactos positivos na sociedade e no desenvolvimento dos alunos:

Desenvolvimento de Cidadãos Ativos

Alunos expostos a uma educação que integra as funções sociopolítica e pedagógica são mais propensos a se tornarem cidadãos ativos, participando ativamente na vida democrática e buscando a melhoria da sociedade.

Pensamento Crítico e Análise Reflexiva

A integração dessas funções promove o desenvolvimento do pensamento crítico e da análise reflexiva. Os alunos aprendem a questionar, avaliar informações e considerar as implicações éticas de suas ações.

Empatia e Compreensão Social

A educação que abraça a função sociopolítica contribui para o desenvolvimento da empatia e compreensão social. Os alunos aprendem a apreciar as experiências e perspectivas dos outros, fortalecendo os laços sociais.

Engajamento na Resolução de Problemas Sociais

Ao serem expostos a questões sociopolíticas, os alunos são mais propensos a se envolverem na resolução de problemas sociais. Eles se tornam agentes de mudança, contribuindo para a construção de comunidades mais justas e equitativas.

Consciência Global

A integração dessas funções prepara os alunos para uma compreensão mais profunda das questões globais. Eles se tornam cidadãos globalmente conscientes, capazes de contribuir para soluções em níveis local e internacional.

— **Considerações finais**

A função sociopolítica e pedagógica da educação não deve ser vista como entidades separadas, mas sim como partes integrantes de um todo coeso. Quando essas funções são integradas de maneira eficaz, a educação não apenas fornece conhecimento, mas também molda cidadãos críticos, éticos e comprometidos com a construção de sociedades mais justas.

Superar os desafios requer uma abordagem colaborativa, envolvendo educadores, instituições, comunidades e governos. Ao integrar essas funções, a educação se torna um poderoso instrumento de transformação, capacitando os indivíduos a influenciarem positivamente não apenas suas próprias vidas, mas também o mundo ao seu redor.

EDUCAÇÃO COLABORATIVA: INTEGRAÇÃO INTERDISCIPLINAR, TRANSDISCIPLINARIDADE E ARTICULAÇÃO DE SABERES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Na atuação docente, é comum que os professores se deparem com propostas que envolvem abordagens multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares. Esses conceitos fazem parte de práticas colaborativas na educação, sendo adotados conforme seus benefícios e conforme as demandas de cada contexto. A seguir, vamos compreender melhor o que caracteriza cada uma dessas abordagens.

— **Educação colaborativa:** é um método de instrução /aprendizagem na qual se aprende por meio da colaboração e participação ativa. Por meio dela, os alunos são incentivados a realizar tarefas ou solucionar problemas de maneira conjunta, construindo seu aprendizado de maneira interdependente. Em outras palavras, é uma metodologia pedagógica na qual os estudantes trabalham juntos, em pequenos grupos, em torno de um objetivo comum. Os alunos são responsáveis pelo aprendizado uns dos outros, de modo que o sucesso de um ajuda no sucesso dos outros.

— **Multidisciplinaridade:** essa abordagem se refere ao fato de existirem várias disciplinas, sem que haja relação entre elas. Esse conceito distribui-se por várias disciplinas e pesquisas. E um projeto multidisciplinar, ainda que haja um tema que norteie todo o planejamento, cada componente curricular traz o conteúdo para dentro do seu contexto. Na multidisciplinaridade, cada matéria apresenta uma perspectiva diferente sobre um determinado objeto de estudo. Nesse caso, o foco não é o conteúdo de uma disciplina interagir com os tópicos que são trabalhados por outra. A Segurança no Trabalho ou a sustentabilidade, por exemplo, pode ser abordada em todas as aulas.

— **Interdisciplinaridade:** trata-se da abordagem na qual o tema é trabalhado em mais de uma disciplina ao mesmo tempo e com um objetivo em comum. Esse modo de trabalhar as disciplinas questiona a segmentação dos campos de conhecimento realizada pela escola, e trabalha integrando as disciplinas. Uma atividade interdisciplinar integra diferentes áreas do conhecimento com um objetivo comum

— **Transdisciplinaridade:** *trans* vem de transformação, ou seja, uma mudança radical, é o grau máximo de interação entre as disciplinas. Assim, associada à multi e à inter, a transdiscipli-

na idd e é um dos três termos mais comuns nessa discussão da relação entre a disciplina. Jean Piaget, na década de 70, tem muito material dele sobre essa relação epistemológica das disciplinas. Essa abordagem está relacionada à compreensão dos diferentes objetos de conhecimento, o que possibilita a referência aos sistemas construídos na realidade dos alunos.

METODOLOGIAS ATIVAS E INOVADORAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, PROTAGONISMO ESTUDANTIL, RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS, GAMIFICAÇÃO, SALA DE AULA INVERTIDA

A aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral da criança são conceitos centrais na educação contemporânea, destacando a importância de um processo educativo que vá além da simples memorização de fatos e informações. Esses conceitos promovem uma abordagem pedagógica que valoriza a compreensão profunda, a conexão com a realidade do aluno e o desenvolvimento harmonioso de todas as dimensões do ser humano— cognitiva, emocional, social e física.

Conceito de Aprendizagem Significativa

A aprendizagem significativa é um conceito desenvolvido por David Ausubel, um psicólogo educacional norte-americano, que propôs que o aprendizado é mais eficaz quando o novo conhecimento se conecta de maneira relevante e lógica ao conhecimento pré-existente do aluno. Ao contrário da aprendizagem mecânica, que envolve a memorização de informações sem compreensão profunda, a aprendizagem significativa permite que o aluno assimile e retenha o conhecimento de maneira duradoura.

Características da Aprendizagem Significativa

— **Conexão com Conhecimentos Pré-existentes:** A aprendizagem significativa ocorre quando novas informações são integradas a conceitos já existentes na estrutura cognitiva do aluno. Esse processo de assimilação facilita a compreensão e a retenção a longo prazo.

— **Relevância Pessoal:** Para que a aprendizagem seja significativa, o conteúdo deve ter relevância para o aluno, ou seja, deve se relacionar com sua vida, interesses e experiência. Quando o aluno percebe o valor do que está aprendendo, sua motivação e engajamento aumentam.

— **Interação Ativa:** A aprendizagem significativa envolve a participação ativa do aluno no processo de construção do conhecimento. Isso inclui atividades como discussão, reflexão, aplicação prática e resolução de problemas, que permitem ao aluno manipular e transformar as informações.

— **Construção do Conhecimento:** Em vez de simplesmente memorizar informações, o aluno que aprende significativamente constrói seu próprio conhecimento, estabelecendo relações entre conceitos e desenvolvendo uma compreensão profunda do conteúdo.



¹Aprendizagem baseada em problemas

A aprendizagem baseada em problemas, *project based learning* (PBL), tem como propósito fazer com que os estudantes aprendam através da resolução colaborativa de desafios. Ao explorar soluções dentro de um contexto específico de aprendizado, que pode utilizar a tecnologia e/ou outros recursos, essa metodologia incentiva a habilidade de investigar, refletir e criar para se a uma situação .

O professor atua como mediador da aprendizagem, provocando e instigando o aluno a buscar as resoluções por si só. O docente tem o papel de intermediar nos trabalhos e projetos e oferecer retorno para a reflexão sobre os caminhos tomados para a construção do conhecimento, estimulando a crítica e reflexão dos jovens.

Aprendizagem baseada em projetos

A aprendizagem baseada em projetos (que também é fundamentada na Aprendizagem baseada em Problemas) exige que os alunos coloquem a mão na massa ao propor que os alunos investiguem como chegar à resolução. Um bom exemplo disso é o movimento *maker*, “faça você mesmo”, que propôs nos últimos anos o resgate da aprendizagem mão na massa, trazendo o conceito “aprendendo a fazer”.

Aprendizagem entre times

A aprendizagem entre times, *team based learning* (TBL), tem por finalidade a formação de equipes dentro da turma, através do aprendizado que privilegia o fazer em conjunto para compartilhar ideias.

O professor pode trabalhar essa aprendizagem através de um estudo de caso ou projeto, para que os alunos resolvam os desafios de forma colaborativa. Dessa forma, eles aprendem uns com os outros, empenhando-se para formar o pensamento crítico, que é construído por meio de discussões e reflexões entre os grupos.

Sala de aula invertida

A sala de aula invertida, *flipped classroom*, pode ser considerada um apoio para trabalhar com as metodologias ativas, que tem como objetivo substituir a maioria das aulas expositivas por extensões da sala de aula em outros ambientes, como em casa e no trabalho.

Nesse modelo, o estudante tem acesso a conteúdo de forma antecipada, podendo ser online para que o tempo em sala de aula seja otimizado, fazendo com que tenha um conhecimento prévio sobre o conteúdo a ser estudado e interaja com os colegas para realizar projetos e resolver problemas. É uma ótima maneira de fazer com que o estudante se interesse pelas aulas e participe ativamente da construção de seu aprendizado, ao se beneficiar com um melhor planejamento de aula e com a utilização de recursos variados, como vídeos, imagens, e textos em diversos formatos.

Ensino Híbrido

O ensino híbrido consiste na união do ensino tradicional e presencial com aquele a distância (EaD). O uso da tecnologia no ensino facilita o contato do aluno com o conhecimento,

¹ <https://novaescola.org.br/conteudo/11897/como-as-metodologias-ativas-favorecem-o-aprendizado>

permitindo que o estudante busque fontes, informações e dados online rapidamente com a finalidade de complementar o que foi dito em sala

Gamificação

O objetivo da gamificação é trazer a experiência dos jogos para o ensino. O ponto principal dessa metodologia é fazer com que os alunos entrem em uma competição saudável, estimulando o pensamento “fora da caixa” e a motivação e a dedicação para o estudo.

As possibilidades para desenvolver metodologias ativas de ensino-aprendizagem são múltiplas, a exemplo da estratégia da problematização, do Arco de Margueret, da aprendizagem baseada em problemas (*problem-based learning* - PBL), da aprendizagem baseada em equipe (*team-based learning* - TBL), do círculo de cultura. Vale esclarecer que outros procedimentos também podem constituir metodologias ativas de ensino-aprendizagem, como: seminários; trabalho em pequenos grupos; relato crítico de experiência; socialização; mesas-redondas; plenárias; exposições dialogadas; debates temáticos; oficinas; leitura comentada; apresentação de filmes; interpretações musicais; dramatizações; dinâmicas lúdico-pedagógicas; portfólio; avaliação oral; entre outros.

**EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E PROJETOS INTEGRADORES:
ARTICULAÇÃO ENTRE MUNDO DO TRABALHO, CIDADANIA E
PRÁTICAS LINGUÍSTICAS**

O conceito de Educação Empreendedora não é fixo e está evoluindo. No Brasil, por muito tempo, o empreendedorismo foi fomentado principalmente nas escolas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que teve um papel significativo na construção desse conceito na educação brasileira. No entanto, nos últimos anos, o empreendedorismo tem sido considerado uma das habilidades essenciais para viver no século XXI. Assim, o conceito de Educação Empreendedora foi ampliado e incorporado a uma perspectiva mais ampla de educação integral, onde tem papel relevante.

O empreendedorismo atualmente está vinculado às competências gerais e está relacionado ao que se chama de “projeto de vida” na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, o conceito está vinculado a atividades valorizadas pela OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico) e organizações internacionais, como autonomia, liderança e habilidades de iniciativa. Essas competências e habilidades fazem parte de um conjunto a ser buscado no currículo escolar.

A BNCC incorpora o conceito de Educação Empreendedora e contribui para sua evolução. Inclui conteúdos e competências e habilidades que podem ser desenvolvidas nos conteúdos curriculares para a construção do conhecimento nas escolas. A aquisição do conhecimento não é vista apenas como armazenamento, mas como algo que pode ser usado para mudar a realidade, solucionar problemas ou ser aplicado. Na perspectiva da educação integral, o conhecimento leva à formação de competências e habilidades cada vez mais relevantes para o trabalho, a convivência e o exercício da cidadania.

